



# Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 8 – 2002

## E se Cristo não tivesse ressuscitado?

Pelos anos de 1963, comecei os meus estudos de teologia. Belos tempos! ... – dirá o saudosista. Estávamos em pleno Concílio. Embora já se fizessem notar os ventos da renovação e os efeitos da “nova teologia”, os textos usados eram os clássicos, os da BAC, assim se denominavam. Nesses textos, a ressurreição de Jesus aparecia como um apêndice, importante, não há dúvida, mas não passava de um apêndice. Era uma ideia muito espalhada dentro da mesma Igreja: a ressurreição do Senhor era simplesmente um epílogo à história da sua paixão e morte. O mistério da nossa redenção tinha lugar inteiramente no Calvário, e o drama tinha o seu desenlace no dia de Sexta-feira à hora de Noa. A Páscoa dava-nos simplesmente a conhecer o destino final do herói, depois da sua enorme aventura. Insistia-se imenso no carácter de reparação, satisfação e mérito da vida e morte de Jesus, sem ir, praticamente, mais além. Se alguma vez se fazia menção da ressurreição, não era tanto para a situar dentro do mistério salvador de Cristo, mas para manifestar o triunfo pessoal de Jesus sobre os seus inimigos. Era uma compensação gloriosa, por tantas humilhações passadas. Estas, sim, eram redentoras. Ou seja a ressurreição de Jesus ficava truncada do seu sentido mais profundo. Era relegada ao periférico da obra redentora de Deus.

Actualmente temos a tentação de nos interrogarmos: mas os teólogos de então não liam a Sagrada Escritura? Eram capazes de a ler, mas certamente não a meditavam, não a contemplavam e não a mastigavam.



“Aconteceu-me que, entrando eu um dia no oratório, vi uma imagem, que para ali trouxeram a guardar; tinham-na ido buscar para certa festa que se fazia na casa. Era a de Cristo muito chagado e tão devota que, ao pôr nela os olhos, toda eu me perturbei por O ver assim, porque representava bem o que passou por nós. Foi tanto o que senti por tão mal Lhe ter agradecido aquelas chagas, que o coração, me parece, se me partia e arrojiei-me junto d’Ele com grandíssimo derramamento de lágrimas, suplicando-Lhe me fortalecesse de uma vez para sempre para não O ofender”.

Santa Teresa de Jesus

As afirmações de S. Paulo são tão categóricas!...Que dúvidas podia haver? “Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé e permaneceis ainda nos vossos pecados” (1Cor 15, 17). “Ele morreu por todos ... por eles morreu e ressuscitou” (2Cor 5, 15). “Entregue por causa das nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação” (Rm 4, 25).

Se Cristo não tivesse ressuscitado, a morte teria cortado no ar o voo da vida e todos nós suspiramos, no transcurso da nossa viagem temporal, por conhecer o destino futuro da nossa experiência frustrada.

(continua na página 2)

## O mistério da morte e ressurreição

A vida da Igreja respira optimismo. A ressurreição é um facto consumado, a redenção do mundo cumpriu-se. Mas a nossa experiência parece desdizer todas estas verdades que são de fé. Sentimentos contraditórios parecem afectar igualmente a consciência de S. Paulo. O seu espírito estava também nele dividido. Primeiro afirma-o sem reservas e, à volta da página, parece desdizer-se. Nas suas cartas encontramos dois grupos de textos que apresentam esta questão: está consumada a nossa ressurreição em Cristo ou esta há-de cumprir-se somente no futuro?

Jesus sempre teve o desejo de conduzir o mundo para o seu termo e inaugurar os tempos novos. Ele inaugura o seu ministério, proclamando-se o consumidor do mundo. O Espírito repousa sobre Ele para realizar a libertação escatológica. À

(continua na página 2)



(continuação da página 1)

pergunta: “És Tu o que está para vir” (Lc 7, 19), responde citando as profecias do fim dos tempos (Is 35, 5; 61, 1).

As bodas realizadas por Ele manifestam, no estilo da época, a chegada do fim. Pela força do Espírito Santo, estabelece a luta com os poderes da mal e da morte que pesam sobre a humanidade. Os gestos da sua vida são sinais dos tempos novos. Quantas vezes Jesus repetiu: “O Filho do Homem virá”, pronto chegará o Reino! Ao sentir a proximidade da sua morte, anuncia com mais insistência a sua vinda: “Em verdade vos digo: alguns dos que estão aqui presentes não hão-de experimentar a morte, antes de terem visto chegar o Filho do Homem com o seu Reino” (Mt 16, 28).

Esta afirmação vai precedida imediatamente da convocatória do juízo final: “O Filho do Homem há-de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um conforme o seu procedimento”. A próxima parusia, que terá por testemunhas alguns dos ouvintes, apresenta um carácter escatológico inegável. Jesus anuncia três vezes que o Filho do Homem deve morrer e ressuscitar. A gloriosa visão de Daniel (7; 12, 1s) tinha sido incompleta; ignorava a humilhação que devia preceder a chegada do Filho do Homem. Jesus completa-a, unindo num só quadro as características do Filho do Homem e as do Servo de Javé, o grande paciente de Isaías, que também inaugura uma humanidade nova (Is 53, 10). A vinda gloriosa empreenderá o caminho do sofrimento e acabará numa ressurreição de entre os mortos. No meio duma instrução sobre o dia que virá como um raio, Jesus intercala esta reflexão: “Mas, primeiramente, Ele [o Filho do Homem] tem de sofrer muito e ser rejeitado por esta geração” (Lc 17, 25). Relaciona a glória fulgurante com as suas humilhações, como mais tarde ligará com elas a sua ressurreição: “Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na glória?” (Lc 24, 26). A parusia segue à morte tão de perto como à ressurreição.

A palavra misteriosa de Jesus está no seu discurso escatológico: “Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra. Em verdade não acabareis de percorrer as cidades de Israel, antes de vir o Filho do Homem” (Mt 10, 23). O prazo, certamente, é breve.

De facto, Jesus veio antes que os fiéis perseguidos tivessem recorrido todas as cidades de Israel, ditando uma sentença fulminante contra Israel. As chamas que devoraram o templo iluminaram uma cristofania. A parusia estava então no mundo.

Os profetas, João Baptista e os Evangelhos somente conhecem uma vinda, múltipla nas suas manifestações, mas uma em si mesma e anunciada por Jesus como muito próxima.

Tendo anunciado várias vezes a vinda do Filho do Homem, na noite que precedeu a sua morte, Jesus declara aos seus juizes: “Eu digo-vos: Vereis um dia o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 26, 64). Os tempos deste mundo chegaram ao seu fim, o Filho do homem vem agora e introduz o século novo na história. A parusia irrompe no mundo a partir deste dia, e o poder desta vinda imediata contem toda a dinâmica da vinda final.

(continuação da página 1)

Se Cristo não tivesse ressuscitado a nossa vida terminaria num negro túnel sem saída. Era esta negrura da morte que aterrava o nosso vizinho Unamuno. Incapacitado, intelectualmente, para abraçar o dogma da ressurreição de Jesus tal como a Igreja o apresentava, ele forjava e recriava aquilo que não era capaz de acreditar. Como o sentimento era mais forte que a inteligência, então, empenhava-se, tragicamente, em sentir o mistério da vida e a vida para além da morte. Como dizia Pascal: “O coração tem razões que a razão não entende”.

Morte e ressurreição de Cristo são acontecimentos inseparáveis.

P. Jeremias Carlos Vechina

## Porque Cristo ressuscitou ...

*A morte e ressurreição de Jesus tem dimensões cósmicas: marcam o fim deste mundo e a inauguração da ressurreição dos mortos.*

*Não é em vão que, no momento da morte de Jesus, o sol deixa de brilhar, a terra treme, as rochas fendem-se. O mundo actual é ferido de morte em Cristo moribundo. Chegou o fim do mundo acompanhado dos trans-tornos anunciados pelos profetas. Não é em vão que o véu do templo se rasga de alto abaixo. Este acontecimento é sinal da destruição do santuário e símbolo da abolição dum culto adaptado ao estado terreno do homem pecador. O mundo velho desmorona-se, o seól é vencido e já irrompe o poder do mundo futuro: Jesus ressuscitado de entre os mortos e à sua volta “os corpos dos santos” (Mt 27, 54).*

*A partir da glorificação, aparece no mundo a parusia de Cristo. Surpreenderá os homens, conforme os casos, num curto prazo ou num futuro longínquo: multiplica-se na história, mas, em si mesma e no pensamento de Jesus, é única e já actual. Podemos dizer que a ressurreição e as manifestações da glória de Cristo constituem, juntamente com a vinda suprema, um mistério parusiaco único cuja revelação se vai espaçando no curso da história. O tempo, que se desenvolve na terra duma maneira contínua entre a ressurreição de Cristo e a parusia, aparece condensado na exaltação de Cristo; na terra vão aparecendo as virtualidades da única vinda parusiaca de Cristo, até que esta se revele na sua plenitude.*

*Toda a pregação de S. Paulo está dominada pela convicção de que, pela acção ressuscitadora do Pai, os últimos tempos irromperam no mundo.*

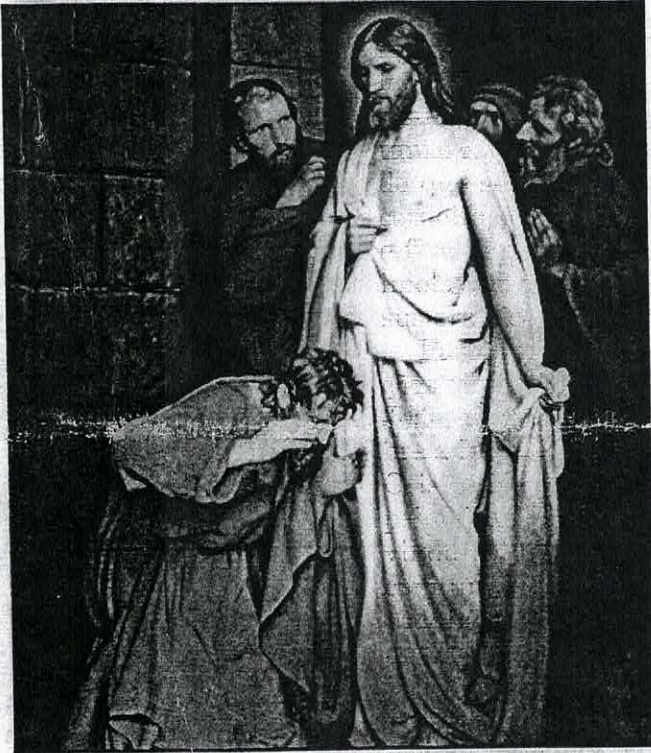
*O universo inteiro, tal como o pecado o forjou, expiou no corpo de Cristo: “O mundo está crucificado para mim” (Gal 6, 14). Este mundo de pecado parece ainda encontrar-se em bom estado de saúde, mas o olhar profético contempla a morte aplicada à sua raiz: “Este mundo de aparências está a terminar” (1Cor 7, 31). A ressurreição de Jesus põe fim a “este mundo”, entregue à morte, à força cósmica da corrupção.*



*Só Jesus ressuscitou, contudo, a ressurreição dos mortos realizou-se toda inteira n'Ele. O poder da ressurreição universal está concentrado na sua glorificação. Os homens entrarão na plenitude dos tempos quando conhecerem o poder que actua na única ressurreição de Cristo.*

*Todas as realidades pascais que Cristo ressuscitado introduz no mundo: o reino, o Espírito, a glória e o poder, a justiça e a salvação, são bens escatológicos.*

*Cristo contem em si toda a realidade da história e das instituições terrenas, que não eram outra coisa senão letra morta, expressão inanimada da vivificante realidade, sombra deste corpo glorificado, projectada para trás, até à origem do mundo. Cristo está colocado no termo de todas as coisas, já que pelo facto da glorificação estão totalmente colocadas n'Ele: toda a plenitude habita n'Ele (Col 1, 19).*



*Porque possui a plenitude do universo e do tempo, Cristo está situado no centro do devir cósmico. Tudo se mantém n'Ele, tudo está pendente d'Ele, tudo tem n'Ele a sua origem, porque Ele é a plenitude escatológica. A páscoa e a parusia são para Cristo uma mesma "epifania". O poder com que se impõe o esplendor de Cristo no mundo é também uma realidade do último dia. Jesus tinha anunciado que o Filho do Homem viria no seu dia com grande poder e glória (Mc 13, 26). Tanto o poder como a glória o acompanham na sua ressurreição.*

*No último dia Cristo imporá a sua vitória aos poderes do cosmos, aniquilando forças e principados, "colocando todos os inimigos debaixo dos seus pés" (1Cor 15, 25). Mas, a partir da ressurreição, Cristo converteu-se no seu Senhor, o soberano de todos os espíritos colocados baixo os seus pés (Ef 1, 22).*

*Tudo se consumou no nome de Jesus, o Filho de Deus ressuscitado, conforme a sua plenitude divina. N'Ele se cumpre a ressurreição dos mortos, se consolida o poder e se revela a santidade.*

## Chegou a hora ...

No relógio da vida de Jesus faz-se ouvir uma hora solene, a hora por excelência, a hora duma partida, de uma passagem e dum retorno, e portanto dum êxodo. Enquanto que nos sinópticos Jesus anuncia a sua fulgurante vinda, no quarto Evangelho somente espera a sua hora. Nela hão-de cumprir-se os destinos do mundo: "Em verdade, em verdade vos digo: chega a hora – e é já – em que os mortos hão-de ouvir a voz do Filho do Homem" (Jo 5, 25).

Muito antes da sua morte falava dela como de um acontecimento capital. O Evangelista relaciona expressamente a hora e a passagem deste mundo com as alusões pascais, ao escrever: "Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai ..." (Jo 13, 1). Está iminente a Páscoa autêntica, a de Jesus, a sua passagem e a sua hora. Enquanto que os sinópticos manifestam o carácter pascal da ceia eucarística anotando que se celebrou na tarde em que se comia o cordeiro, o quarto Evangelho passa por alto a ceia e fixa para a morte de Jesus a hora em que se imolavam os cordeiros, afirmando depois que Jesus era o cordeiro pascal (19, 36).

Passando por alto certas alusões e considerações simbólicas no que diz respeito à "hora", S. João, numa série de textos fala claramente sobre a importância da morte e da ressurreição de Cristo. Na parábola do bom pastor, parece, à primeira vista, que a salvação se realiza pela sua vinda à terra. Jesus e as ovelhas conhecem-se com um conhecimento que é mútua posse e comunhão de vidas (10, 14s). Mas aparece suficientemente claro que Jesus não consegue os objectivos da sua vinda à terra senão morrendo e ressuscitando. Somente com esta condição, as ovelhas que não são do seu aprisco ouvirão a voz do pastor. A morte e a ressurreição não têm por fim único reunir as ovelhas estranhas a Israel. A morte e ressurreição constituem, além disso, o ponto básico do programa de Cristo. "É por isso que meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois ... Tal é o encargo que recebi de meu Pai" (10, 17s). A morte e a ressurreição encontram-se à cabeça dos deveres messiânicos de Cristo. Jesus declara que somente alcançará a sua meta quando o grão morra e ressuscite.

A salvação da humanidade não se fundamenta unicamente na encarnação, contudo, o tema pascal está relacionado, na sua raiz, com o da encarnação. No prólogo, em que S. João apresenta a encarnação como a glória salvífica de Deus que desce à humanidade, ouvimos Jesus pedir insistentemente ao Pai uma glória à qual renunciou durante a fase terrena da encarnação. Na sua vida terrena Jesus conheceu glorificações secun-



dárias (2, 11; 11, 4), fugazes manifestações da sua glória filial. Mas espera outra glorificação essencial como a primeira.

Na oração sacerdotal, Jesus pede ao Pai que complete a sua obra salvadora glorificando-o: "Pai, chegou a hora! Manifesta a glória do teu Filho, de modo que o Filho manifeste a tua glória, segundo o poder que lhe deste sobre toda a Humanidade, a fim de que dê a vida eterna a todos os que lhe entregaste" (17, 1s).

A hora de Jesus é a sua morte e ressurreição.

*P. Jeremias Carlos Vechina*

## Testemunho duma Carmelita Secular

Quando há já alguns anos, movida certamente por inspiração do Espírito Santo, parti em direcção a Marco de Canaveses (Avevadas) a fim de tomar parte numa Semana de Espiritualidade, senti que algo de belo e de muito importante me chamava. E na verdade, assim aconteceu.

Todo o decurso desta Semana se processa de uma forma enriquecedora não só pela espiritualidade das conferências que são, na realidade, muito profundas, mas também pelo contacto com os Padres Carmelitas sempre disponíveis, acolhedores e alegres e ainda pela vivência de comunhão e partilha com todas as pessoas que nela participam.

As celebrações eucarísticas, a liturgia das Horas, os cânticos, tudo arranca connosco para um mundo onde se presentem os valores eternos.

Ali, tudo nos fala de Deus, a começar pelo interior do convento, do seu claustro, das capelas convidativas ao recolhimento. De todos os recantos escorre seiva que nos fecunda e nos conduz à intimidade com o Pai. Ali sente-se o fascínio de Deus.

Todo aquele ambiente reforça, cada vez mais, a necessidade da oração do silêncio e eis que, inesperadamente, um passado longínquo veio ao meu encontro. Senti de novo, e muito fortemente, o apelo de Deus à minha consagração como carmelita, mas desta vez, secular.

Depois de uma semana desta natureza, custa um bocadinho pensar no regresso, mas, ao mesmo tempo, temos o coração tão dilatado, tão necessitado de transbordar, que acabamos por desejar voltar ao mundo, faminto de amor, e partilhar esse mesmo amor com todas as pessoas a fim de que cada uma tome consciência da presença de Deus em si, viva o Evangelho com a vida e seja neste mesmo mundo suas testemunha.

A partir de então, o meu anseio de entrega total era muito intenso. Falei nisso ao Sr. Padre Jeremias, a quem muito devo.

O Sr. Padre entendeu-me, ajudou-me bastante e cheguei à minha doação. Sinto-me muito realizada.

Que poderei dizer dos meus contactos com o Carmelo Secular? Que eles me ensinam a caminhar no amor de Deus e no serviço aos outros com total disponibilidade, sempre na medida do amor, amando sem medida.

Tenho aprendido com os Carmelitas seculares, através do acolhimento e do grande testemunho que me dão, o sentido da solidariedade, amor fraterno, muita amizade e profunda união. Aprendo e recebo.

Em todos os contactos, e têm sido vários, talvez sem darem por isso, ajudam-me a despojar-me do "homem velho" e a tentar revestir-me do "homem novo", trabalho lento, mas de todos os dias.

Têm sido vários esses contactos e todos se têm convertido para mim em experiências muito ricas e gratificantes. O Encontro Nacional em Fátima, deixou-me saborear toda a beleza desses dois dias vividos em estreita comunhão de fé, de ideal, de vocação, numa alegria tão saudável, aquela alegria que vem de dentro de nós mesmas e do coração de Maria Rainha do Carmelo.

Senti que todos os Carmelitas seculares eram meus familiares e que eu era membro de uma Família maravilhosa, a Família carmelitana. Quanta alegria e quanta paz experimentei!

O Retiro, em Avevadas, orientado pelo Sr. Padre Jeremias, também mexeu muito comigo. Fez-me reflectir nos meus defeitos, na responsabilidade que me assiste perante Deus e perante o mundo e concluir que o meu percurso, como consagrada, deve ser mais exigente. Desejo muito que a minha vida seja impregnada de oração, da oração silenciosa, num só a sós com Deus, para alimentar as turbinas do amor a fim de o irradiar onde quer que me encontre. Este desejo tem-se intensificado no contacto com todos os Carmelitas. Neste Retiro também fui levada a descobrir que o chamamento ao Carmelo Secular nos mostra que fomos dimensionadas para Deus. Ele escreveu, selou no nosso interior.

Vamo-nos dando conta do olhar de Deus sobre nós e sentimo-nos felizes com o Seu convite: "Segue-me"

As reuniões mensais são olhadas por mim como um tempo de formação, um amplo contributo no sentido de nos deixarmos amar e modelar pelo Senhor, um apelo à generosidade, um tempo de convívio e amizade, um manancial de energias para conseguirmos o desprendimento, nem sempre fácil, de apegos, transpor obstáculos e prosseguir em frente, sem desânimo, rumo ao Infinito.

Mais uma vez digo que me sinto muito feliz, muito unida, com profunda amizade, a todos os Carmelitas seculares, a toda a Família carmelitana.

Que Nossa Senhora do Carmo nos guie, nos acompanhe e nos guarde no Seu Coração de Mãe.

*Maria Virgínia*





# GRUPOS DE ORAÇÃO E AMIZADE

## S. João do Estoril

O nosso Grupo de Oração e Amizade é composto, por 7 pessoas. Nem sempre temos a oportunidade de estarmos todos presentes.

Reunimos na segunda Sexta-Feira de cada mês. O nosso local de reunião é na Igreja de São João do Estoril, junto ao Sacrário. Estamos gratos ao Pároco Sr. P. Farinha que nos acolheu e acarinha este grupo de oração.

Estamos ligados às Irmãs Carmelitas do Monte Estoril, por quem sempre rezamos no nosso grupo e às irmãs Missionárias da Caridade, de Chelas, em Lisboa, como missão.

Temos também um doente, por quem pedimos nas nossas orações e visitamos, a D<sup>a</sup> Ilda, que se encontra acamada. Ela, na sua extrema bondade, reza também por nós.

Começamos sempre por uma oração ao Divino Espírito Santo e depois uma leitura da Palavra, que é meditada em silêncio. Segue-se a partilha daquilo que o Senhor transmitiu, a cada um, no nosso coração.

É maravilhoso ver como nos surge à mente e ao coração o conhecimento da Palavra que o Senhor, por graça Sua e na Sua infinita misericórdia e amor, nos faz chegar.

A partilha só nos faz enriquecer e fortalecer na nossa caminhada para a casa do Pai e aumentar a nossa fé.

A unidade que se gera no seio do grupo de oração, entre todos e com Deus, faz-nos viver e sentir o amor que Deus-Pai tem por cada um de nós e saímos dali mais fortalecidos para o mundo.

Concluimos com as intenções de cada um.

António G. Fernandes

## Estoril

Sugerido pelo Sr. Padre Jeremias, no retiro do ano passado, iniciámos o nosso "grupo de oração e amizade" há exactamente um ano, a 19 de Março, dia de S. José, nosso Patrono.

Somos um grupo com 13 elementos, unidos na oração e amizade. Segunda a dinâmica destes grupos, apresentada pelo Sr. P. Jeremias, devemos estar abertos ao mundo do sofrimento, às missões e ao mundo contemplativo, uma vez que somos um grupo cristão.

Por isso mesmo adoptámos a missão de Madagáscar, através dum Bispo português, com a qual mantemos uma relação epistolar. Escolhemos, como comunidade contemplativa, o Carmelo do Sagrado Coração de Jesus do Monte Estoril. Com estas nossas irmãs mantemos uma relação orante e amiga.

O mundo do sofrimento não nos é alheio. Para manter vivo em nós o espírito de oração pelos que sofrem, escolhemos uma doente que se encontra acamada num lar, a quem visitamos recentemente.

Tem sido muito enriquecedor, não só no estreitamento da amizade fraterna, como também do aprofundamento e partilha da nossa fé, baseada na Palavra de Deus. Queremos com esta experiência e no espírito de Santa Teresa tornar-nos cada vez mais "amigos fortes de Deus"

Maria Manuela Teixeira.

## ATENÇÃO

### X Encontro Nacional da Ordem Secular

Fátima, 20-21 de Abril

Como o Centro Catequético está em obras e as Irmãs não prometem que as obras estejam terminadas para o 20 de Abril, vimo-nos obrigados a procurar outro lugar. Não encontramos outra casa a não ser os Padres Capuchinhos que se encontram na rua Beato Nuno, por detrás do Carmelo de S. José.

O início dos trabalhos está marcado para as 16 horas.

Para evitar a confusão dos pagamentos à entrada e não se repetir o problema do ano passado, pede-se o grande favor de mandarem assim que possível a quantia referente à vossa estadia, bem como o nome dos participantes.

**Inscrição:** 2,5 euros

**Estadia:** 30 euros em quarto duplo

30 euros em quarto individual

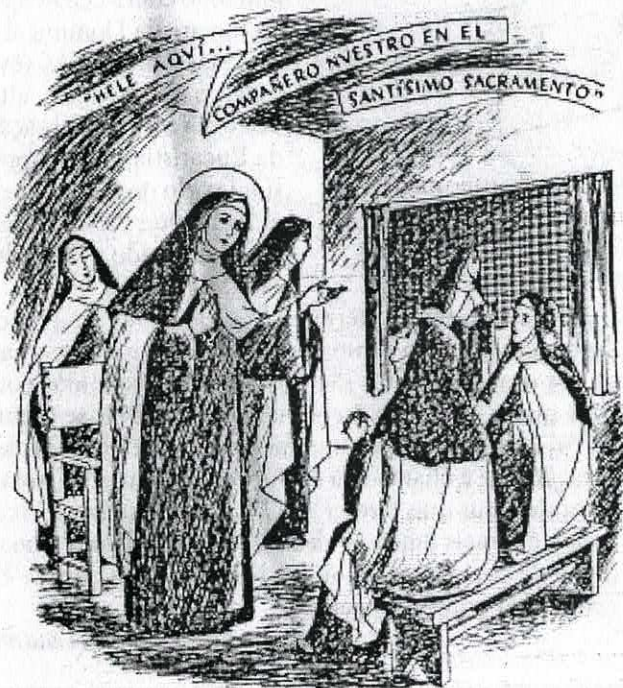
(não cobram suplemento).

**Quem só tomar as refeições:**

9 euros por cada almoço ou jantar.

Para evitar confusão os vossos cheques serão passados em nome de Maria do Rosário Castro e enviados para a minha morada na semana anterior ao encontro:

Av. Conde de Barcelona, 1033 - 2765-470 Estoril



"Grande mal é uma alma achar-se sozinha entre tantos perigos. Parece-me a mim que, se eu tivera tido com quem tratar tudo isto, ajudar-me-ia a não tornar a cair, sequer por vergonha, já que não a tinha de Deus. Por isso aconselharia eu aos que têm oração - em especial ao princípio - que procurem amizade e trato com outras pessoas que tratem do mesmo"

(Santa Teresa)



## Fraternidade de S. João da Cruz Aveiro

Como o tempo passa... Foi por finais do ano de 1987, ia juntamente com a Teresa, quando nos deparamos com o nosso amigo - já de outras jornadas,- Padre Frei Jeremias. Após uma pequena conversa que mantivemos, na qual muito rapidamente afluíram aspectos da nossa vida como casal, bem como do nosso percurso espiritual, logo ali ele nos incentivou a trabalharmos para a criação da Ordem Secular aqui em Aveiro, para a qual deveríamos contar com a ajuda do Frei Silvino. Ficámos entusiasmados, e depois de falarmos com ele, logo aí sentimos que também nele existia um grande entusiasmo e vontade de realizar, nesta comunidade, um trabalho mais profundo e mais de acordo com o Carmo. Começámos a contactar pessoas que entendíamos estarem aptas a prosseguir nesta descoberta. Repentinamente já não éramos três, mas sim quatro, cinco, seis, sete, oito... Fomos-nos contagiando, fomos crescendo mas sempre com ajuda do nosso Assistente Espiritual Frei Silvino. Mas isto são contas de outro rosário, porque neste momento o que interessa é a realidade presente e essa é a Fraternidade de S. João da Cruz, aqui em Aveiro, composta por vinte irmãos, a qual foi reconhecida oficialmente no passado dia 26 de Janeiro deste ano de 2002, pelo Padre Frei Jeremias. Passaram-se praticamente quinze anos e esta Fraternidade Secular foi moldando as nossas vidas à espiritualidade carmelita. Foi então - como já foi referido - que no dia vinte e seis de Janeiro do ano dois mil e dois, pelas vinte e uma horas e trinta minutos, esta Fraternidade se reuniu no Centro Pastoral São João da Cruz, desta Igreja Convento do Carmo de Aveiro, afim de recebermos o Assistente Provincial, Padre Frei Jeremias, o qual foi incumbido de erigir, pelo Prior Geral Frei Camilo Maccise, esta Fraternidade de S. João da Cruz, conforme o cânone 312 do Código de Direito Canónico. A Irmã Lídia orientou uma oração. Também já foi referido, no entanto é importante

uma vez mais salientar que tomámos como nosso padroeiro São João da Cruz. O Frei Jeremias fez-nos a entrega de fotocópia do ofício enviado desde a Casa Geral em Roma, com o Número de Registo: dez, barra, dois mil e um, com data de quatorze de Novembro do ano dois mil e um, assinado por Fr. Camilo Maccise, OCD e pela Irmã Estrada Franco, OCDS, Secretária Geral.

### 10 de Março de 2002

Foi no passado dia 10 de Março deste ano 2002 - como aliás tivemos oportunidade de comunicar, através de carta que enviámos aos representantes de cada Fraternidade - que nos demos a conhecer à comunidade, no geral e em público de que tínhamos sido oficializados. Não era de todo legítimo que não nos dêssemos a conhecer, ou seja que as pessoas não tomassem conhecimento de que existem também leigos comprometidos com o Carmo e, conseqüentemente, com a sua Espiritualidade.

Assim, reunimo-nos em retiro, ou melhor, foi para nós um dia de deserto, que teve o seu início pelas dez horas da manhã e se prolongou por todo o dia, sempre com o Santíssimo exposto e culminando com a celebração da Eucaristia Dominical.

Pelas 18.30 horas teve lugar o ponto mais alto deste dia com a celebração da Eucaristia, que foi presidida pelo nosso Provincial Padre Frei Pedro Ferreira, coadjuvado pelo Padre Frei Silvino.

Depois de termos terminado e agora no interior de nossas casas, junto de nossos familiares, ou mesmo junto dos irmãos que nos são tão queridos, podemos concluir que o carmelita é convidado a ajoelhar-se diante do Pai e escutar ininterruptamente as palpitações do seu coração. Ele é chamado a entrar no seu santuário interior, onde Deus quis fazer a Sua Morada. Esse lugar, o coração, é o mais difícil de destruir, mas também é o mais difícil de conquistar, e a única maneira de lá chegar, é a rezar, rezar constantemente.

*Manuel Catarino*



Boletim informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Padres Carmelitas Descalços \* Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina \* Sede: Rua de Angola, 6 \* 2780-564 Paço de Arcos \* Tel. 21 443 37 06 - Fax 21 443 87 79 - E-mail: ocdpacodearcos@mail.telepac.pt; Site: www.carmelitas.pt